

Árbol de la vida: um saber ancestral nas mãos de ceramistas que moldam de forma artesanal

Árbol de la vida: un sabor ancestral en las manos de ceramistas que moldean de forma ancestral

Tree of Life: Ancestral Knowledge in the Hands of Ceramicists Shaping Through Traditional Craftsmanship

Cristiane Alves de Oliveira*

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

colliver@gmail.com

ORCID: 0000-0001-6516-0388

Citar como: Alves de Oliveira, C. (2025). Árbol de la vida: um saber ancestral nas mãos de ceramistas que moldam de forma artesanal. *Desde el Sur*, 17(3), e0041.

RESUMO

O objeto do estudo aqui apresentado é uma peça do acervo da Casa da Cultura da América Latina (Universidade de Brasília): a Árvore da Vida, de autoria desconhecida, mas de tradição referenciada ao município Metepec, centro da cerâmica no estado do México. Trata-se de uma peça em cerâmica artesanal, em formato de árvore, com símbolos representativos da história bíblica utilizados como instrumento para aproximação da cultura local. A metodologia desenvolvida se baseia em análise bibliográfica e documental para o reconhecimento de sua origem, representação e matéria-prima, além da análise sobre a composição e iconografia da cerâmica em Metepec para identificar semelhanças com técnicas tradicionais da época colonial, bem como abordar as interferências da colonização espanhola na reinterpretação e substituição dos objetos culturais nativos que eram símbolos da identidade e tradição dos povos originários nesta região. Assim, são estabelecidos valores de uma memória cultural em um país multiétnico situado na América do Norte.

* Autora corresponsal: Cristiane Alves de Oliveira, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil. Correo: colliver@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Memória cultural, cultura popular, produção artesanal, simbologia, México

ABSTRACT

The object of the study presented here is a piece from the collection of the Casa da Cultura da América Latina (University of Brasília): Tree of Life, of unknown authorship, but of tradition referenced to the municipality of Metepec, a ceramics center in the state of Mexico. It is a handcrafted ceramic piece, shaped like a tree, with symbols representing biblical history used as an instrument to bring local culture closer. The methodology developed is based on bibliographic and documentary analysis to recognize its origin, representation and raw material, in addition to the analysis of the composition and iconography of ceramics in Metepec, to identify similarities with traditional techniques from the colonial era, as well as address the interference from Spanish colonization in the reinterpretation and replacement of native cultural objects that were symbols of identity and tradition of the original people in this region. Thus establishing values of cultural memory in a multi-ethnic country located in North America.

KEYWORDS

Cultural memory, popular culture, craft production, symbology, Mexico

RESUMEN

El objeto del estudio que aquí se presenta es una pieza de la colección de la Casa da Cultura da América Latina (Universidad de Brasília): árbol de la vida, de autoría desconocida, pero de tradición referenciada al municipio de Metepec, importante centro cerámico en México. Es una pieza de cerámica hecha a mano, en forma de árbol, que posee símbolos que representan la historia bíblica utilizada como instrumento de acercamiento a la cultura local. La metodología desarrollada se basa en el análisis bibliográfico y documental para reconocer su origen, representación y materia prima, además del análisis de la composición e iconografía de la cerámica en Metepec, para identificar similitudes con técnicas tradicionales de la época colonial, así como abordar la interferencia de la

colonización española en la reinterpretación y sustitución de objetos culturales nativos que eran símbolos de identidad y tradición de los pueblos originarios de esta región. De esta forma, se establecen valores de memoria cultural en un país multiétnico ubicado en América del Norte.

PALABRAS CLAVE

Memoria cultural, cultura popular, producción artesanal, simbología, México

Introdução

No estudo aqui apresentado abordaremos a importância do símbolo e a representatividade de uma peça em cerâmica, examinada no contexto da estrutura formal e em suas variações culturais no México. Trata-se da Árvore da Vida, de autoria desconhecida, mas de tradição referenciada ao Município de Metepec, conhecido como centro da cerâmica do México, do acervo da Casa da Cultura da América Latina da Universidade de Brasília.

A Casa da Cultura da América Latina (CAL) é um importante espaço de estudo, pesquisa, difusão e preservação do patrimônio cultural e artístico da Universidade de Brasília, promovendo as culturas ibero, latina e africana em suas diversas vertentes e linguagens.

O objeto é uma peça em cerâmica artesanal em formato de árvore, que possui símbolos representativos da história bíblica utilizados como instrumento para aproximação da cultura local. Seu topo é composto por flores amarelas e vermelhas, formando uma coroa que representa o divino, e no contorno lateral há folhas azuis em formato de setas que apontam para fora, formando uma borda visual. Além de uma harmonia na disposição de elementos da fauna e da flora, foram representados o fruto proibido na boca da serpente e figuras humanas que podem ser compreendidas como Adão e Eva no Jardim do Éden, relacionadas à passagem bíblica. A base da escultura é lisa, pintada na cor branca com uma flor central que se destaca em cores; no verso da peça não há adereços, apenas pintura natural.

Um dos nossos objetivos é compreender as diferentes camadas de significado por trás desse objeto, explorando a relevância do fazer artesanal para a preservação das tradições e identidades locais, bem como enfrentar os desafios na busca por uma representatividade verdadeiramente inclusiva em uma nação tão rica e heterogênea.

Dessa forma, esse estudo foi desdobrado em diversas temáticas que englobam a arte da cerâmica realizada pelo oleiro de Metepec, o significado e importância da Árvore da Vida como símbolo de identidade e continuidade em diferentes territórios, a valorização do fazer artesanal na sociedade contemporânea, evidenciando seus métodos, técnicas e simbologia, além de uma análise da estrutura formal do objeto e o significado simbólico de cada elemento de sua composição, que varia de cultura para cultura, dentro de crenças e interpretações próprias. Com isso, busca-se enriquecer a compreensão e apreciação das tradições artesanais, promovendo a preservação e valorizando a memória cultural como parte essencial do patrimônio de um povo.

Originando-se em 1821 com o reconhecimento da independência da colônia, o território do México foi inicialmente colonizado pelos Espanhóis. Esse fato transfere para a Árvore da Vida um sentido simbólico que interliga a cultura do colonizador com a cultura local, um instrumento de colonização, um símbolo poderoso que une pessoas de diferentes culturas cruzando as histórias do passado como colônia com o tempo presente.

Além disso, acreditamos que ao criar artesanatos que representam a Árvore da Vida, as pessoas podem celebrar sua herança e promover a diversidade cultural. De forma geral, em várias culturas a Árvore da Vida pode ser um elemento que representa um elo entre a humanidade e a natureza, tema que será desenvolvido posteriormente.

Este trabalho visa contribuir para a compreensão e valorização desses aspectos culturais, ressaltando sua significância e impacto na sociedade.

1. A materialização da cultura local em sua variabilidade territorial

No extenso território latino-americano, o México, em sua identidade nacional, une seus traços culturais de origens pré-colombianas com as trazidas pelos europeus de origem ibérica. A diversidade de culturas amplia uma realidade simbólica de expressões artísticas através de manifestações como o artesanato, uma atividade de traços identitários portadora de valores que marcam as sociedades tradicionais e desempenham um papel de harmonia na estrutura social.

Segundo Sant'anna (2006, p. 9):

em torno da noção de «referência cultural», que promoveu importante inflexão na prática preservacionista em curso, até então, e introduziu algo novo nesse campo: o entendimento de que a constituição de patrimônios culturais deve «fazer sentido» e «ter valor» para outros sujeitos sociais —especialmente os que produzem ou mantêm bens culturais— além dos representantes e especialistas do Estado

aos quais essa constituição sempre esteve delegada. Ou seja, a construção do patrimônio cultural deve estar baseada em processo que inclua e considere a dinâmica de atribuição de valor e significado.

Através de conhecimento e práticas culturais que constituem bens de valor patrimonial junto a elementos fundamentais na construção dessa identidade, fica exteriorizada que as práticas e os domínios da vida social de uma região se manifestam com os saberes, ofícios e modos de fazer.

A variabilidade territorial na cerâmica tradicional mexicana está relacionada com a diversidade de estilos, técnicas e materiais utilizados em cada região do país. Cada estado mexicano possui características próprias quando se trata da produção de cerâmica, resultantes de fatores ambientais, históricos e culturais. Essa variabilidade territorial cria uma rica tapeçaria que reflete a identidade única de cada comunidade e região, contribuindo para preservar e perpetuar a memória cultural mexicana. Através dessa diversidade se reconhece a importância da cerâmica tradicional como um patrimônio intangível que deve ser valorizado e preservado.

Para UNESCO (2006, p. 4), nesse mesmo sentido, o conceito envolve:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados — que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Estimados como condutores de referências à identidade, à ação e à memória da sociedade que se compõe pelos diferentes grupos formadores dos registros como patrimônio cultural imaterial, a cerâmica tem seu reconhecimento de valor cultural dispondo de sua preservação.

1.1. Memória cultural: o ofício do oleiro e a arte da cerâmica em Metepec

O contexto da memória cultural refere-se ao ambiente histórico, social e geográfico em que a cerâmica tradicional mexicana se desenvolve. É importante entender que as técnicas, estilos e simbolismos presentes nessa arte estão profundamente enraizados na história e tradições do país. A cerâmica é uma forma de expressão que remonta aos povos pré-colombianos e continua a ser amplamente praticada nas diferentes regiões do México. Essa prática reflete a riqueza e diversidade cultural do

país, representando um elo com as raízes ancestrais e a identidade do povo mexicano.

A memória cultural desempenha um papel fundamental na preservação das tradições e identidade de um povo. Nesse contexto, a cerâmica tradicional mexicana emerge como uma valiosa manifestação cultural, representando a herança ancestral de diferentes regiões do país. Através de técnicas e materiais únicos, os oleiros mexicanos preservam a riqueza da cultura local, transmitindo seu conhecimento de geração em geração. Compreender o contexto dessa memória cultural e o significado da variabilidade territorial destaca-se como pontos importantes para a valorização dessa arte milenar.

A memória é um dos fatores vitais para continuar a tradição de se tecer a cerâmica como ofício conservado através das gerações, de forma que o artesão se fortalece na lembrança para produzir uma peça, muitas vezes refletida na história de seus antepassados.

A cidade de Izúcar de Matamoros, localizada no sudoeste do estado mexicano de Puebla, apresenta os primeiros vestígios de esculturas de barro em forma de árvore. Seguindo para Metepec, que se utiliza da argila para criação de esculturas tradicionalmente construídas de forma artesanal e é reconhecida pelos seus objetos decorativos/ritualísticos com forte influência Nahuas (principal grupo indígena americano no México) e especialmente dos povos de etnia Mexica, que eram conhecidos pela qualidade de seus produtos e criatividade dos artesãos/ceramistas da região.

Segundo análise de Bosi (1987, p. 78), o artesão acumula experiência no decorrer dos anos, pois vai se aperfeiçoando até chegar à perfeição.

Nas palavras de Arroyo (2000, p. 18):

O termo ofício remete a artífice, remete a um fazer qualificado, profissional. Os ofícios se referem a um coletivo de trabalhadores qualificados, os mestres de um ofício que só eles sabem fazer, que lhes pertence, porque aprenderam seus segredos, seus saberes e suas artes. Uma identidade respeitada, reconhecida socialmente, de traços bem definidos. Os mestres de ofício carregavam o orgulho de sua maestria.

Ambos os entendimentos remetem ao contexto artesanal, algo feito a partir de um conhecimento teórico e vivencial, entendido pela experiência de alguém que praticou essa ação a muito tempo, concluindo o «saber fazer».

1.2. Processo de identificação de uma cultura local a caminho de inovação

Ao se tornar uma nação, o México conquistou a sua libertação e deu sentido a sua originalidade cultural popular. Isso ocorreu quando alcançou a independência do Império Espanhol, dando início ao processo de criação de uma identidade nacional mexicana.

Ao observarmos os significados e as formas simbólicas de uma obra como a Árvore da Vida, é possível perceber a diferença de cultura para cultura, conforme as interpretações. Através da simbolização apresentada em cada detalhe da árvore, os seres humanos instituem seus conceitos e criam obras que espelham seus pensamentos e emoções. Uma expressão simbólica resultante dos valores que ligam o passado ao presente, mantendo esse percurso e criando memórias.

A preservação da memória cultural é de suma importância para a manutenção da identidade de um povo e a valorização de suas tradições. Ela permite a transmissão de conhecimentos, técnicas e saberes ancestrais para as gerações futuras, garantindo a continuidade das práticas culturais.

A representatividade de uma cultura local a caminho da inovação pode ser concluída destacando que a capacidade de uma comunidade para inovar não está apenas na adoção de novas tecnologias, mas na preservação e adaptação de seus valores e tradições. A inovação emerge quando esses elementos se fundem de maneira criativa e sustentável, capacitando a comunidade a enfrentar desafios contemporâneos enquanto honra sua identidade cultural única. Assim, uma cultura local a caminho da inovação não só abraça o futuro, mas também fortalece suas raízes, transformando desafios em oportunidades de crescimento e desenvolvimento sustentável.

A inovação não é apenas uma opção, é o caminho que nos conecta ao futuro que desejamos criar, além de preservar a memória cultural e contribuir para a formação da consciência coletiva, o fortalecimento da identidade cultural e a promoção do respeito e valorização das diversidades. É fundamental reconhecer e proteger o patrimônio cultural imaterial como parte integral do legado cultural de um país, enriquecendo a história e estimulando a criatividade e a expressão cultural.

A consciência coletiva da preservação da memória é essencial para uma sociedade sustentável e inovadora. Quando uma comunidade reconhece e valoriza sua história, tradições e conquistas passadas, fortalece sua identidade cultural e constroi uma base sólida para o futuro. Este cuidado com a memória coletiva não apenas inspira um senso de continuidade e pertencimento, mas também proporciona

insights valiosos para enfrentar desafios contemporâneos e impulsionar a inovação de maneira significativa e autêntica. Ao preservar e celebrar sua memória, uma comunidade não apenas se mantém conectada ao seu passado, mas também se equipa para moldar um futuro vibrante e resiliente (Halbwachs, 2004).

1.3. O significado cultural da Árvore da Vida num país multiétnico

A Árvore da Vida é um símbolo que possui significativa importância histórica e cultural em várias culturas ao redor do mundo. O conceito pode ter se originado na Ásia Central e foi absorvido por outras culturas, como a mitologia escandinava (Figura 1) e o xamanismo Altai¹. É tipicamente representada como uma árvore com numerosas figuras antropomórficas, cercada por flores e outros ornamentos. Em algumas culturas também está associado à criação do universo, representando a interconexão de todos os seres vivos. A Árvore da Vida não é apenas um símbolo, mas tem profundas raízes históricas e culturais.



FIGURA 1. Yggdrasil (mitologia nórdica, árvore colossal que é o eixo do mundo)²

Nota. Fonte: Oluf Olufsen Bagge (1780-1836), *Prose Edda*, 1847.

1 A Cordilheira de Altai, Montanhas Altaicas ou Maciço de Altai, é uma cordilheira da Ásia Central, que ocupa territórios da Rússia, China, Mongólia e Cazaquistão. O nome, do turco Alytau ou Altay, significa Montanhas de Ouro. A cordilheira é também conhecida como Ek-tagh. O conjunto natural montanhoso encontra-se classificado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade com o título Montanhas Douradas do Altai. (<https://lvsitania.wordpress.com/2014/03/03/altai-o-misterioso-mundo-dos-xamas/>)

2 Yggdrasil é um enorme freixo central na cosmologia nórdica e considerado muito sagrado. Os deuses vão diariamente a Yggdrasil para realizar suas cortes. Os galhos de Yggdrasil se estendem até os céus, e a árvore é sustentada por três raízes que se estendem para outros locais, um para o poço Urðarbrunnr nos céus, um para a fonte Hvergelmir e outro para o

Para Sevim *et al.* (2017), «a forma da árvore da vida difere estilística e figurativamente de cultura para cultura e possui grande riqueza expressiva» (p. 128; tradução nossa)³. Considerando sua construção orgânica com uma planta viva e produtiva que simboliza o sagrado e a vida, podemos entender as interpretações refletidas de cultura para cultura.

A colonização espanhola teve consequências profundas e duradouras no México, atitudes invasivas incluíam a desconsideração dos direitos e das culturas locais, a exploração econômica dos recursos naturais e a transformação forçada das sociedades indígenas. Segundo Silva (1987), a dominação não se restringiu apenas à ocupação física dos territórios, mas também envolveu uma série de mecanismos de controle e subjugação cultural, social e econômica:

Os objetos culturais nativos, que eram símbolos de identidade e tradição, foram frequentemente reinterpretados ou substituídos por novos produtos coloniais, refletindo a influência e o controle exercidos pelos colonizadores sobre as práticas culturais locais (Silva, 1997, p. 55).

Os espanhóis se apropriaram desse símbolo ancestral, tornando a Árvore da Vida um objeto de utilidade e dominância, em que foi combinada com os símbolos católicos e parte de cerimônias religiosas e integrada às igrejas (Palfrey, 1998). Um símbolo ancestral com significados diversos, presente em diversas culturas, representando e conectando diferentes reinos existentes, além de se conectar a todas as formas de vida:

O processo colonial buscou não apenas dominar os recursos naturais, mas também desvalorizar e reprimir as crenças e práticas culturais dos povos indígenas, impondo um sistema de valores que frequentemente desconsiderava e desrespeitava as tradições locais (Silva, 1987, p. 11).

A árvore está relacionada como símbolo da fertilidade, da renovação e da vitalidade, no sentido de valor simbólico e espiritual (Bussata, 2013). Assim é compreendida com suas múltiplas fases, reconhecida de acordo com a cultura e região que faz parte.

Universalmente, a árvore como símbolo é reconhecida com significados profundos em várias culturas e religiões. Adquire significados diferentes para diferentes culturas, mas o simbolismo mais conhecido da árvore é a representação da vida e do seu ciclo contínuo.

poço Mímisbrunnr. Criaturas vivem em Yggdrasil, incluindo o ancião (dragão) Níðhögg, uma águia sem nome e os veados Dáinn, Dvalinn, Duneyrr e Duraprör.

3 «The form of the tree of life differs stylistically and figuratively from culture to culture and it has great expressional richness».

1.4. A Árvore da Vida de peça artesanal para um objeto de arte

Fazendo parte da Coleção Inicial do acervo da Casa da Cultura da América Latina, a *Árvore da Vida*, doada pela Embaixada do México em 1993 e integrada ao acervo pelo número de registro CAL.0773 (Figura 2), trata-se de um objeto em cerâmica com metragem em 93 × 65 × 17 cm e relaciona-se à cultura mexicana como uma obra de arte popular.

Sua composição consiste em uma base existencial da cerâmica que une o aspecto funcional, simbólico e estético. Essa escultura, com representações de muitos símbolos, tem formato de árvore, é feita em argila tradicionalmente construída de forma artesanal no centro do México, e se transforma em cerâmica repleta de liberdade e tradição, de técnica e criatividade, simbolismo e funcionalidade.



FIGURA 2. Árvore da Vida (CAL 0773)

Nota. Fonte: Casa da Cultura da América Latina (1993).

Sendo a argila um material natural, a cerâmica por sua vez foi inventada pelo humano, que possibilitou que ele visse sua obra a partir de um ponto de vista distinto do mundo natural, além de refletir em seu ofício a realidade de seu mundo interno. Segundo Ortega y Gasset, citado por Rubio (1977, p. 222), a reação enérgica do ser humano diante da natureza e das circunstâncias cria, entre ambos, uma nova forma de natureza.

Nesse processo, o indivíduo busca dominar elementos como o fogo e a terra para construir sua própria realidade. A cerâmica, nesse contexto, surge como expressão desse domínio: o objeto moldado consolida-se e possibilita ao sujeito não apenas viver sua experiência de mundo, mas também assegurar seu bem-estar.

As *Arboles de la Vida*, em Metepec, são árvores de cerâmica feitas em um processo artesanal, que se inicia pela modelagem e secagem natural em torno de 3 a 15 dias, dependendo do tempo e do tamanho da peça, seguindo para o cozimento (queima do biscoito) em temperaturas mínimas para retirar toda a umidade restante da argila. Após a primeira queima, as peças recebem acabamento e lixamento partindo para o recebimento dos esmaltes, que podem ser de uma ou várias cores. Seus adornos na fase de produção são pequenas figuras feitas à mão ou com molde, que em seguida são amarrados por um fio e vão sendo montados na árvore. Após finalizar essa etapa, a árvore montada é colocada para secar e concluída com a queima aberta.

Para Balanzà nesse processo:

Também a importancia de trabalhar com materiais tão dúctil, mutável e com múltiples posibilidades expresivas, além de forma e cor, e onde desenvolver a criatividade. Conhecimento próprio do seu ambiente e técnicas que sejam fáciles, sustentáveis, económicas e com um sentido substancial de identidade, relacionando as ferramentas frecuentes com seu significado original e nossa evolução histórica e cultural com a memória da humanidade (2020, p. 34; tradução nossa)⁴.

Na produção artesanal, o ceramista se entrega ao mito que sustenta sua obra tradicional com requintes inovadores e modernos em seus acabamentos, de forma que nessa concepção é defendido a estética e o modo cultural do saber fazer.

O que chamamos arte não é apenas aquilo que culmina em grandes obras, mas um espaço onde a sociedade realiza sua produção visual. É nesse sentido amplo que o trabalho artístico, sua circulação e seu consumo configuram um lugar apropriado para compreender as classificações segundo as quais se organiza o social (Canclini, 2015, p. 246).

4 «También la importancia de trabajar con materiales tan dúctiles, mutables y con múltiples posibilidades expresivas, además de la forma y del color, y donde desarrollar la creatividad. Conocimientos propios de su entorno y técnicas que sean fáciles, sostenibles, económicas y con un sentido substancial de lo identitario, relacionando los útiles frecuentes con su sentido original y nuestra evolución histórica y cultural con la memoria de la humanidad».

Nas comunidades, artesãos/ceramistas populares tem a arte sobretudo como trabalho; desenvolvem suas técnicas lidando com símbolos, pensam e produzem seu próprio mundo, empenhando seus conhecimentos ancestrais que os fazem ser quem e como são.

Portanto, a individualidade dessa peça, em seu apreço ao artesanato mexicano, expõe com tamanha grandeza o melhor da cultura do México que incorpora desde objetos utilitários a decorativos, e revela em sua arte a mistura de símbolos e tradições culturais como fator diferenciado pelas mãos dos ceramistas.

2. Da tradição religiosa do período colonial ao seu sentido inverso

A origem da Árvore da Vida remonta ao período em que os espanhóis chegaram ao México. Durante aquele período, a argila era muito utilizada pelos povos originários mexicanos como matéria prima para moldar utensílios e representações de deuses e ídolos. Com o objetivo de colonizar religiosamente os povos locais, convertendo-os ao catolicismo, os colonizadores espanhóis se valeram da argila para representar as histórias bíblicas através da Árvore da Vida.

Seguindo o sentido da tradição religiosa no período colonial, a representação da Árvore da Vida servia para ensinar aos nativos a história da criação segundo a bíblia, e no sentido inverso, atualmente pode lidar com temas não religiosos, direcionados para outros sentidos.

Apesar de ter sua origem no período colonial, a Árvore da Vida tornou-se relevante apenas em meados do século XX. Com o passar do tempo, outros elementos, tais como sol, lua, borboletas, flores e pássaros, foram incluídos nas Árvores da Vida. Em Metepec (México) estão as peças mais conservadas, apesar de não ser a única cidade mexicana que produz árvores da vida atualmente⁵.

Por meio de uma análise acerca da iconografia da arte cultural mexicana representada na Árvore da Vida que traz seus símbolos e imagens sobrepostos na peça, foi possível identificar características relevantes de uma cultura envolta às raízes de povos ameríndios com as tradições populares do México. Era comum na arte e cultura desses povos encontrar bastante ouro e cerâmica em suas peças, trabalhadas nas técnicas que traziam muitos detalhes e cores. Suas festas e cultos tinham

5 Trechos do texto de apresentação da peça em tour virtual da Casa da Cultura da América Latina/UNB de autoria de Karoline Macedo Queiroga. https://tourvirtual360.com.br/unb_cal/

caráter religioso, de adoração aos deuses, que sempre representavam elementos da natureza.

Em nossa pesquisa, a peça do acervo do CALexibe uma passagem bíblica, encenada no jardim do Éden na presença de Adão e Eva atentados pela serpente que carrega o fruto proibido em sua boca. Sua importância para o cristianismo é grande, pois representam a origem da humanidade e do pecado.

O pecado original foi a desobediência de Adão e Eva à ordem de Deus de não comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Eles foram tentados pela serpente, que lhes prometeu que seriam como Deus se comessem do fruto. Ao comerem do fruto, Adão e Eva perderam a inocência e a graça de Deus. Eles se sentiram envergonhados de sua nudez e se esconderam do Criador. Gênesis 3:1-6 diz:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: «Foi isto mesmo que Deus disse: “Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim”?» Respondeu a mulher à serpente: «Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: “Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão”». Disse a serpente à mulher: «Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal». Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também.

Há uma passagem bíblica no primeiro livro do Antigo Testamento:

Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2, 8-9).

Nessa separação, Iahweh impôs ao homem: «Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer» (Gênesis 2, 6). Com isso, referia-se à árvore com o devido respeito. Na observação de Russo (2021), a Árvore da Vida é a escada de Jacó, sua base repousa sobre a terra e o topo toca o céu.

Dessa forma a peça traz um cenário descritivo desse momento, que coloca no topo da árvore a coroa que representa o Divino, e enraizado

no tronco estão a fauna e a flora dispostos em simetria, associado aos seguintes valores: criação, fertilidade, crescimento, pureza, elevação e equilíbrio espiritual. Na composição desses elementos encontramos as folhas de cor azul que nos levam à direção do céu, o tronco natural de argila à terra e às raízes que atravessam a base associada ao submundo; as flores de diferentes tamanhos e cores nos trazem a simbologia da força e vitalidade; os frutos remetem ao crescimento e alimento que renasce em novas gerações, em alusão de que os frutos concediam a imortalidade; e os pássaros representam o elemento de proteção, o olhar de Deus na promessa da eternidade em outro plano ou um apelo ao bom senso, ao equilíbrio e à busca pelo aprimoramento pessoal.

Em seu sentido inverso, os propósitos pretendidos e o significado dos símbolos e padrões diferem de uma cultura, região e crença religiosa para outra.

Na cultura xamã, a Árvore da Vida representa a comunicação. Esse símbolo é compartilhado pelos praticantes nos lugares que frequentam e nas roupas que vestem, pois acreditam que nasceram dessa árvore.

São também cultuadas pelas tribos turcas, que acreditavam que, no sentido da representação, existem nove ramos que simbolizam as camadas do céu pela Árvore da Vida, e no centro do universo, conforme as escrituras das antigas religiões turcas.

Na sagrada escritura do Alcorão, há evidências de que as Árvores da Vida foram criadas como sinal de poder divino, pois a vida dos seres humanos depende de sua existência para sobreviverem.

A Árvore da Vida é a síntese mais importante dos ensinamentos da Cabala (Figura 3), pois acreditam que o tronco corresponde à personalidade, os galhos aos papéis sociais e a árvore à pessoa. A Cabala considera que os caminhos que compõem a Árvore da Vida são uma possível evolução da consciência humana em sua trajetória entre o nascimento e a morte. Para o misticismo cabalístico hebraico, o significado da Árvore da Vida tem uma única resposta verdadeira ao desejo de alegria, de infinito e de eternidade que habita o coração do homem.

Quase todas as sociedades criaram mitos e crenças sobre as árvores desde os tempos antigos, na verdade, a árvore tornou-se uma forma natural que é espiritual, física e simboliza a santidade do futuro e da vida e geralmente simboliza a divindade ou uma constituição religiosa. (Sevim *et al.*, 2017, p. 128; tradução nossa)⁶.

6 «Almost all societies have created myths and beliefs about the trees since the ancient times in fact, the tree has become a natural form that is spiritual, physical and symbolizes the holiness of

Entende-se a importância da Árvore da Vida como figura representativa da ancestralidade dentre as crenças e culturas como símbolo sagrado de vida e existência, pois é uma criatura viva que floresce e frutifica.

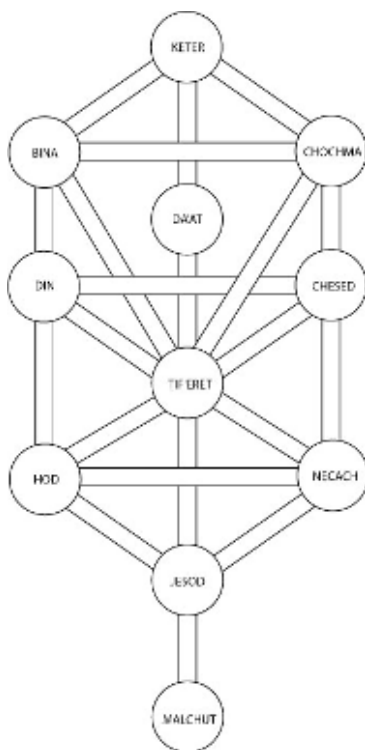


FIGURA 3. Sefirot no reino divino (retrata na forma de dez nós interconectados, como símbolo da Cabala Judaica)⁷

Nota. Fonte: «The Bahir: Um antigo texto cabalístico atribuído ao Rabino Nehuniah ben HaKana, primeiro século, Era Comum (EC)», 1979.

Na habilidade criativa do artesão, esta peça segue num estilo naïf⁸, pois se designa num tipo de arte popular e espontânea, no qual está presente elementos como flores, frutas, pessoas e animais de traços figurativos, cores vibrantes que valorizam a simetria e a tendência à idealização da natureza (Figuras 4 e 5).

the hereafter and life and it usually symbolizes godlikeness or a religious constitution».

7 Esta árvore representa toda a estrutura dos mundos físico, emocional e espiritual, enfim, tudo o que existe. Seu entendimento vai revelar todo o funcionamento do mundo dos cem por cento, e este entendimento é parte fundamental na confecção de um mapa para uma vida significativa.

8 O termo arte naïf aparece no vocabulário artístico, em geral, como sinônimo de arte ingênua, original e/ou instintiva produzida por autodidatas que não têm formação culta no campo das artes (Itaú Cultural, 2022).



FIGURA 4. Árvore popular: *Sin maíz no hay país*
Nota. Fonte: Museo Del Barro de Metepec, México. Artista Juan Carlos Nonato.



FIGURA 5. Árvore popular: *Árbol de las artesanías*
Nota. Fonte: Museo Del Barro de Metepec, México. Artista Óscar Soteno.

2.1. A busca pela integridade representativa

A identidade cultural de um povo nasce da articulação entre crenças, valores e práticas que orientam sua vida em sociedade. Esses sistemas simbólicos, com características singulares, estruturam combinações de elementos que buscam garantir a integridade representativa de cada comunidade.

Para Silva (2000, p. 89), «A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído». Entende-se que nesse processo projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior ao mesmo tempo que reprimimos esse mundo, e assim criamos nossas identidades.

Segundo Brum Neto e Bezzi (2008, p. 265):

As formas pelas quais um povo se identifica lhe conferem legitimidade perante os demais, fazendo com que se apropriem de uma identidade que permita torná-los distintos e originais a partir de uma essência cultural comum.

A relação entre cultura e identidade cultural consiste na essência e na natureza de um grupo social se relacionando com sentimento de pertencer ou não a um grupo cultural.

A simbologia transpõe uma relação com cultura no espaço que se apresenta, dando sentido ao aspecto representativo de uma simbologia única. As manifestações culturais possibilitam a linguagem decodificada desses símbolos, que trazem significado de origem ao grupo social.

A construção dessas identidades culturais nesse processo transformador de identificação representativa vem através da simbologia cultural.

A cerâmica artesanal reúne conhecimentos herdados pela ancestralidade e o processo de criação artística. Inicialmente tinha finalidades simples e objetivas para uso do dia a dia, como recipientes de uso para alimentar o corpo ou no sentido ritualístico para alimentar a alma. A cerâmica está relacionada aos ciclos da natureza, que envolvem elementos como ar, água, fogo e terra, além da matéria. Os saberes do ofício limitam-se pela criação aos conteúdos culturais que se mantém pela tradição, mas reinventam-se na presença da tecnologia e dos modos contemporâneos (Almeida, 2010).

Mediada por sinais específicos, a essência cultural conduz as ações e atitudes de um grupo social, representando as formas e seus significados próprios. Na simbologia cultural, esses códigos culturais têm a função de transmitir e contemplar essa materialização.

3. Circulação e transferência do fazer artesanal

O fazer artesanal desempenha um papel fundamental na preservação das tradições e da cultura local. Ao produzir objetos artesanais, os artesãos mantêm viva a memória ancestral de um povo, transmitindo conhecimentos de geração em geração. Além disso, o artesanato valoriza a criatividade e a habilidade manual, possibilitando a expressão de narrativas culturais únicas e a valorização da identidade nacional. O fazer artesanal também contribui para a economia local, gerando empregos e promovendo o turismo cultural e sustentável.

Segundo Bandeira *et al.* (2022, pp. 40-41),

A manufatura cerâmica e o ofício ceramista estão entre as atividades mais antigas da humanidade. Dominar a técnica de fabricação de artefatos, a partir da manipulação da argila envolve elementos técnicos e simbólicos, portanto, sociais e culturais, que estão presentes nas histórias e memórias das sociedades ao longo dos milênios.

Todo processo de manipulação das matérias-primas na fabricação de peças artesanais em cerâmica envolve saberes ancestrais que passam de geração em geração, trazendo junto nesse conhecimento influências relacionadas ao meio ambiente e aos recursos sociais empenhados no momento do ofício. O produto gerado por essa manipulação e o processo de queima da argila moldada que se transforma em cerâmica nas técnicas de olaria possui a simplicidade como principal característica.

No desenvolvimento da prática cerâmica, o saber fazer artesanal transcende a mera habilidade técnica, encapsulando um legado cultural, uma expressão de identidade e um compromisso com a sustentabilidade. A prática artesanal não só preserva técnicas ancestrais, mas também promove a inovação ao integrar tradições com novas perspectivas e tecnologias. Em um mundo cada vez mais dominado pela produção em massa, o artesanato representa uma resistência vital, valorizando a singularidade e a autenticidade de cada peça criada.

O objeto artesanal satisfaz uma necessidade não menos imperativa do que a sede e a fome: a necessidade de nos recriarmos com as coisas que vemos e tocamos, seja qual for sejam seus usos diários. Esta necessidade não é redutível ao ideal matemático que rege o design industrial nem ao rigor da religião artística. O prazer que o artesanato nos dá surge de uma dupla transgressão: o culto da utilidade e a religião da arte (Paz, 1997, p. 136; tradução nossa)⁹.

9 «El objeto artesanal satisface una necesidad no menos imperiosa que la sed y el hambre: la necesidad de recrearnos con las cosas que vemos y tocamos, cualesquiera que sean sus usos diarios. Esa necesidad no es reducible al ideal matemático que norma al diseño industrial ni

O trabalho manual dos oleiros na produção do artesanato em Metepec traz a contribuição de manter as técnicas de fabricação tradicional e seus traços identitários. Isso é evidente ao analisar que mesmo com a era do avanço tecnológico e industrial, as peças produzidas conservam as tradições hereditárias.

O México guarda uma imensa riqueza de culturas e tradições. Em Metepec, cidade localizada na área metropolitana de Toluca, essa riqueza ganha forma em seu artesanato, reconhecido pela diversidade, pelas cores vibrantes e pela qualidade que encanta visitantes do mundo inteiro. As festas e manifestações populares são responsáveis por manter as vendas do artesanato cada vez mais crescente. Com isso, o artesanato desempenha um papel crucial no desenvolvimento econômico local, proporcionando meios de subsistência e fomentando o empreendedorismo em comunidades ao redor do mundo. A valorização do trabalho manual reflete um reconhecimento da importância do processo criativo e da conexão profunda entre o artesão e sua obra.

Os povos ou comunidades têm um papel fundamental nesse seguimento, pois colaboram na construção das referências culturais sobre o ofício dos oleiros na produção da cerâmica. Com isso, impulsionam o artesanato com seu valor social.

Considerações finais

No desenvolvimento deste artigo conseguimos reunir informações que permitiram apontar vários aspectos relacionados à diversidade cultural do México. Associando isso ao contexto histórico, foi possível entender a peça em sua criação, e ao destacar a relevância do saber fazer artesanal, buscamos não apenas celebrar a beleza e a complexidade desse ofício, mas também sublinhar a necessidade de sua preservação e promoção. Os significados embutidos no fazer artesanal vão além da mera produção de objetos, eles envolvem as tradições ancestrais, transmitindo conhecimentos através das gerações. A valorização dessas tradições não implica apenas em manter o *status quo*, mas também em adaptá-las de maneira inovadora para os contextos contemporâneos.

Podemos reconhecer a riqueza e a complexidade das expressões culturais na América Latina, especialmente através do artesanato. Este não apenas representa a diversidade cultural da região, mas também serve como um meio poderoso para explorar e preservar identidades locais e memórias coletivas.

tampoco al rigor de la religión artística. El placer que nos da la artesanía brota de una doble transgresión: al culto a la utilidad y a la religión del arte».

Neste ambiente, o oleiro desempenha um papel fundamental na criação de peças em cerâmica. Sua habilidade não apenas molda o barro, mas também molda a identidade e a história que cada peça carrega consigo. A importância do oleiro vai além da técnica, ele é um guardião das tradições, um elo vivo com o passado e um catalisador para a inovação artística.

O futuro do artesanato depende de nossa capacidade de reconhecer e valorizar a arte de fazer com as mãos, garantindo que este patrimônio imaterial seja transmitido para as próximas gerações. Assim, manteremos viva a chama da criatividade, da tradição e da inovação que caracteriza o saber fazer artesanal.

Portanto, a preservação das tradições artesanais não é apenas uma questão de nostalgia, mas uma forma de revitalizar e enriquecer o presente, alimentando a criatividade e a identidade cultural em um mundo em constante mudança. É através do reconhecimento e valorização do trabalho de artesãos, como os oleiros, que garantimos que as futuras gerações possam apreciar e aprender com a diversidade cultural e artística da América Latina.

Por meio da reflexão dos conteúdos recolhidos sobre a peça em estudo, foi possível revelar a origem, história e contribuição através da cultura popular artística de Metepec, que forneceu informações condizentes com sua finalidade de expor o conhecimento mediante suas interpretações simbólicas.

Sendo assim, tanto o trabalho artesanal como o artesanato devem ser entendidos em toda a sua complexidade, levando em consideração aspectos de ordem social, cultural e econômica que implicam diretamente na produção, circulação e consequentemente, a definição desses objetos como arte ou artesanato.

Contribución de autoría

Cristiane Alves de Oliveira participó en todas las funciones CRediT.

Fuente de financiamiento

Autofinanciado.

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

Agradecimientos

Casa da Cultura da América Latina (CAL/UnB).

Amiga e Prof^a. Dra. Maria do Carmo Couto da Silva (IDA/UnB).

Juan José Soteno, artesano del municipio de Metepec (Soteno, dinastía de alfareros).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, F. L. (2010). No princípio era a cerâmica: a volta às origens. Em F. L. Almeida, *Mulheres recipientes. Recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais*. Universidad Estatal Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).
- Arroyo, M. G. (2000). *Ofício de mestre. Imagens e auto-imagens*. Vozes.
- Balanzà, R. (2020). Una experiencia artística con tierra, barro y cerámica. *Educación artística: revista de investigación*, (11), 25-36. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=671971511003>
- Bandeira, A. M., Silva Neta, V. M. e Soares, L. S. (2022). Um saber ancestral: a produção ceramista artesanal na comunidade quilombola de Itamatatuiá, Alcântara – MA. *Humana Res*, 1(5), 39-58.
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. Companhia das Letras.
- Brum Neto, H. e Bezzi, M. L. (2008). A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. *Geografia*, 33(2), 253-267.
- Bussata, S. (2013). The tree of live design: from central Asia to Navajoland and Back (with a Mexican Detour). *Antrocom online Journal of Anthropology*, 9(1), 205-220.
- Canclini, N. G. (2015). *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Candia, S. S. (2011). A cerâmica no processo de fazer arte. [Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense].
- Del Carpio-Ovando, P. S. (2016). Estrategias mercadológicas e innovación en las artesanías, una tradición transformadora. *Poliantea*, 12(23), 77-110.
- Del Carpio-Ovando, P. S. e Freitag, V. (2013). Motivos para seguir haciendo artesanías en México: convergencias y diferencias del contexto artesanal de Chiapas y Jalisco. *Ra Ximhai*, 9(1), 79-98. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=46127074008>
- Freitag, V. (2015). De artesãos a artistas: um estudo com ceramistas de Tonalá, México. *Sociedade e Cultura*, 18(1), 165-175. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70344885015>
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. Centauro.
- Leite, L. R. A. (2015). Patrimônio Histórico no México (1914-1939): como surgem as leis e se selecionam memórias. Em Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Manfrini, M. R. (2012). Variabilidade decorativa na cerâmica paulista colonial: influências e resistências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (37), 178-203. <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/163629>

Oliveira, L. D. M. de. Entre a matéria-prima e o objeto cerâmico: uma poética pessoal. *Poésis*, 18(30).

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2003). Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 17 de outubro de 2003. Ministério das Relações Exteriores.

Palfrey, D. H. (1998). Religion and society in New Spain: Mexico's Colonial era. *MexConnect*. <https://www.mexconnect.com/articles/1562-religion-and-society-in-new-spain-mexico-s-colonial-era/>

Paz, O. (1997). El uso y la contemplación. *Revista de Camacol*, 11(1), 120-125.

Rocha, S. (2010). Artesão: sujeito e objeto de seu trabalho. <https://www.scribd.com/doc/275465026/ARTESAO-SUJEITO-E-OBJETO-DESEU-TRABALHO>

Rubio, R. M. (1977). A antropologia do poder em Ortega y Gasset. *Revista de Estudios Políticos*, 211, 215-245.

Russo, R. (2021). *A árvore da vida e outros símbolos cristãos*. Paulinas.

Salvat, A. P. S. (2017). Colonizada, mas não silenciada: permanência da cultura asteca na configuração artística e arquitetônica do zócalo, na cidade do México. Em *Encontro de História da Arte XII. Os silêncios na História da Arte*. Universidade de Campinas.

Sant'Anna, M. (2006). Avanços da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Em *O Registro do Patrimônio Imaterial. Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. (4.^a ed.). Ministério da Cultura e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Santos, E. N. dos. (2004). As tradições históricas indígenas diante da conquista e colonização da América: transformações e continuidades entre nahuas e incas. *Revista de História*, 150, 157-207. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18982>

Santos, E. N. dos. (2005). Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas. *Revista de História*, 153, 69-115. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19007>

Sevim, S. S., Kahraman, D. e Eroz, G. O. (2017). Comparison and analysis of the trees of life in Turkish and Metepec art of ceramics. *Cerâmica*, 63(365), 128-133. <https://www.scielo.br/j/ce/a/jCrbYKy9fzF5H8ZRvBXSYvf/?format=pdf&lang=en>

Silva, A. L. e Oliveira, C. A. de. (2019). Estudos sobre caracterização e classificação da decoração da cerâmica arqueológica pintada. *FUMDHAMentos*, XVI(1), 55-76.

Silva, C. A. (2016). Símbolos religiosos em espaços públicos: para pensar os conceitos de laicidade e secularização. *Numen*, 19(2), 154-173.

Silva, E. M. N. da e Ferreira, A. (Orgs.). *Catálogo Acervo da Casa da Cultura da América Latina*. Universidade de Brasília.

Silva, J. T. (1997). América Latina: A visão especular. *Tempo Brasileiro*, 130, 53-82.

Silva, J. T. (1987). *Descobrimentos e colonização*. Ática.

Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. Em T. T. Silva (org.), *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 73-102). Vozes.

Vizcaino Suárez, L. P., Serrano Barquín, R., Cruz Jiménez, G. e Pastor Alfonso, M. J. (2017). Turismo, alfarería y trabajo femenino en el Pueblo Mágico de Metepec, México. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 15(2), 391-407. <https://ojsull.webs.ull.es/ojs/index.php/Revista/article/view/1115>

Vugman, N. V. e Fonseca, J. (2010). A árvore da vida da cabala, a matriz de identidade e o terceiro universo. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(1), 59-74.

Cristiane Alves de Oliveira es bibliotecária documentalista. Atuante em Núcleos de Acervo, Pesquisa e Memória. Bacharel em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Assunção, Licenciada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Especialista em Educação Digital pela Universidade do Estado da Bahia. Faz parte de grupos de estudos relacionados História da Arte e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: Arte e Cultura Popular, Patrimonio Cultural, Memória e Identidade Cultural.

Recepción: 11/2/2025

Aceptación: 5/5/2025